

CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA INGLESA NO ÂMBITO DA DIVERSIDADE TEMÁTICA E ESTÉTICA PRESENTE NA MODERNIDADE

CONTRIBUTIONS OF ENGLISH LITERATURE IN THE FRAMEWORK OF THEMATIC AND AESTHETIC DIVERSITY PRESENT IN MODERNITY

Alessandra Leles Rocha¹⁹

RESUMO

De acordo com Hall (2000), as sociedades modernas são por definição sociedades de constante, rápida e permanente mudança; de modo a constituir um sujeito capaz de refletir o crescimento da complexidade do mundo moderno e a consciência de não ser autônomo e autossuficiente, ou seja, dependente de outras referências, uma concepção, portanto, interativa da sociedade. E como cerne fundamental desse processo que se desenvolve com velocidade a partir da Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII, a literatura inglesa se faz importante veículo de reflexão e análise. Afinal, como considera Anthony Burgess (1996), “a literatura inglesa, em suma, tem uma liberdade, uma vontade de experimentar, uma rejeição às regras, sem paralelo em nenhuma outra literatura” (p.20). Portanto, esse ensaio propõe uma breve reflexão sobre a contribuição da Literatura Inglesa no âmbito da diversidade temática presente na Modernidade – a separação tempo/espaço; a velocidade de transformação; o papel das instituições sociais; o surgimento de novas instituições e classes sociais; a urbanização; a racionalidade – por meio de contos e poemas escritos por James Joyce, T. S. Elliot, George Orwell e D.H. Lawrence.

Palavras-chave: Literatura Inglesa; Modernidade; Diversidade Temática; Estética.

ABSTRACT

According to Hall (2000), modern societies are by definition societies of constant, rapid and permanent change; in order to constitute a subject capable of reflecting the growth of the complexity of the modern world and the awareness of not being autonomous and self-sufficient, that is, dependent on other references, a conception, therefore, interactive of society. And as a fundamental core of this process that unfolds with speed from the Industrial Revolution in the second half of the eighteenth century English literature becomes important reflection and analysis tool. After all, as Anthony Burgess (1996) argues, "English literature, in short, has a freedom, a will to experience, a rejection of rules, unparalleled in any other literature" (p.20). Therefore, this essay proposes a brief reflection on the contribution of English Literature in the scope of the thematic diversity present in Modernity - the separation time / space; the speed of transformation; the role of social institutions; the emergence of new institutions and social classes; urbanization; rationality - through tales and poems written by James Joyce, T. S. Elliot, George Orwell, and D. Lawrence.

Keywords: English literature; Modernity; Thematic Diversity; Aesthetics.

INTRODUÇÃO

O estabelecimento de momentos literários de forma didático-pedagógica é simplesmente um esforço acadêmico para agrupar de maneira mais adequada características semelhantes que se fazem presentes nas obras de um determinado tempo.

¹⁹ Universidade Federal de Uberlândia; e-mail: lelesrocha.a@gmail.com

No entanto, a literatura tem sua subjetividade que no fundo a torna fluida nesse processo, de modo que tais marcações nem sempre dão conta de toda a diversidade que se espelha no conteúdo dos textos; afinal, ainda que o tempo imprima suas marcas e fomente a inspiração dos autores, a forma de perceber e traduzir em palavras são um ato individual.

Como explica Coracini (2005),

Na busca, portanto, da totalidade, encontra-se a falta; na busca das certezas, encontram-se as dúvidas, na busca de um porto seguro, encontra-se a insegurança, que se manifesta, sobretudo, quando mitos da modernidade, simulacros do paraíso, nos colocam, de forma poderosa, em situação de inferioridade, de constrangimento, de angústia (CORACINI, 2005, p.18-19).

Quando se fala do modernismo, por exemplo, tudo isso fica muito evidente em razão do próprio momento histórico, o qual é muito emblemático e repleto de nuances distintas, que fazem da construção literária um mosaico rico de manifestações. Mesmo que muitos autores discutam as mesmas temáticas, a particularidade de seus olhares capta a atenção do leitor para detalhes bastante singulares e interessantes.

Afinal, de acordo com Hall (2000), as sociedades modernas são por definição sociedades de constante, rápida e permanente mudança; de modo a constituir um sujeito capaz de refletir o crescimento da complexidade do mundo moderno e a consciência de não ser autônomo e autossuficiente, ou seja, dependente de outras referências, uma concepção, portanto, interativa da sociedade.

Para Anthony Giddens (2002), a modernidade possui as seguintes características:

a) Separação de tempo e espaço: a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo, incluindo sistemas globais; b) Mecanismos de desencalhe: consistem em fichas simbólicas e sistemas especializados (em conjunto = sistemas abstratos). Mecanismos de desencalhe separam a interação das particularidades do lugar; c) Reflexividade institucional: o uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação (GIDDENS, 2002, p.26).

Assim, sua ocorrência passa a explicar desde os fenômenos da natureza até a legitimidade da ordem social pela razão ao invés de princípios místicos ou religiosos; o que significa garantir a autonomia e a liberdade do homem. A modernidade é, portanto, a busca permanente de significado da própria existência.

E como cerne fundamental desse processo que se desenvolve com velocidade a partir da Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII, a literatura inglesa se faz importante veículo de reflexão e análise. Afinal, como considera Anthony Burgess (1996), “a literatura inglesa, em suma, tem uma liberdade, uma vontade de experimentar, uma rejeição às regras, sem paralelo em nenhuma outra literatura” (p.20).

Portanto, esse ensaio propõe uma breve reflexão sobre a contribuição da Literatura Inglesa no âmbito da diversidade temática presente na Modernidade – a separação tempo/espaço; a velocidade de transformação; o papel das instituições sociais; o surgimento de novas instituições e classes sociais; a urbanização; a racionalidade – por meio de contos e poemas escritos por James Joyce, T. S. Elliot, George Orwell e D.H. Lawrence.

1. SOBRE *AN ENCOUNTER*, DE JAMES JOYCE

A primeira impressão que a leitura do conto de James Joyce traz ao leitor pode ser explicada pelas palavras de Revuz (2002), “muito antes de ser objeto de conhecimento, a língua é o material fundador do nosso psiquismo e de nossa vida relacional”. Daí, o nível de complexidade que reveste a escrita de Joyce.

[...] como viver com os outros, sem rejeitá-los e sem absorvê-los, se nos não nos reconhecemos ‘estrangeiros a nós mesmos’?... Não ‘integrar’ o estrangeiro, mas respeitar seu desejo de viver diferente, que reencontra nosso direito à singularidade, essa última consequência dos direitos e deveres humanos (REVUZ, 2002).

Sob o olhar das experiências desse irlandês, que transitou entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, o leitor vivencia a experiência de olhar para o mundo além da própria perspectiva.

Escrito a partir de 1904 e só publicado em 1914, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, *Dubliners*, um livro de contos sobre o cotidiano de quem vive em Dublin, nas suas entrelinhas carrega a inquietude que pairava sob o mundo no século XX.

Afinal, era o tempo das grandes transformações. Os grandes desdobramentos da Revolução Industrial iriam repercutir-se efetivamente no cenário geopolítico mundial, fazendo com que as potências europeias competissem entre si por terras, força militar e poderio econômico. A Irlanda sob o olhar de Joyce não poderia, então, não ser um ponto de reflexão para tudo isso.

Na opinião dele a capital da Irlanda, Dublin, era um lugar provinciano, distante de ser um centro da cultura continental ou um centro comercial; talvez, em função do seu afastamento geográfico em relação ao resto do continente ao largo da costa da Europa. Mas, principalmente, por considerar que a Igreja Católica Romana era responsável pelo fracasso dos irlandeses em avançar em sintonia com o resto da Europa, somado ao fato de que a influência da Inglaterra ainda os fazia sentirem-se como uma colônia inglesa.

Desse modo, os contos presentes em *Dubliners* refletem diretamente a paralisia, a corrupção (que se apresenta na contaminação, deterioração, perversidade e depravação

presentes em todo lugar), e a morte. Por mais que as personagens quisessem romper com esse ranço histórico que permeia a realidade delas, elas não conseguem. O que segundo Mezan (1986) trata-se da identificação que resulta na constituição, dentro de cada um de nós, de um ‘eu’, isto é, de uma parte nossa que vai nos parecer à única, porque é apenas dela que temos consciência.

Por isso, cada conto lido reforça esse processo de identificação, na medida em que estabelece uma conexão de lugar, tempo e significado muito semelhantes entre si. Assim, em *An Encounter*, ao trazer a infância para as reflexões em torno da vida em Dublin, James Joyce oferece ao leitor a capacidade de perceber e compreender o nível de impacto que uma sociedade pode ter sobre seus cidadãos, incluindo crianças. Uma realidade pode transformar a inocência em um mero piscar de olhos.

Sob a ótica de três garotos, alunos de uma escola Católica, Joyce desenvolve o anseio de liberdade confrontado pela religião, pelo medo e pelo desconhecido. Nesse contexto, inclusive, é interessante refletir sobre o pensamento do sociólogo Zygmunt Bauman (2001) sobre a “modernidade líquida”. Segundo ele, a ansiedade e a audácia, o medo e a coragem, o desespero e a esperança nascem juntos, mas é a proporção na qual elas se misturam é que é dependente dos recursos de posse de cada um. E a modernidade é especialista em transformar uma coisa em outra e essa capacidade presente nos seres humanos os fez compreender que poderiam “realizar sem limites”, de acordo com a própria vontade.

Assim, como é próprio da infância, os garotos vão a busca de uma fuga, uma aventura fora desse cotidiano comum e limitado, que os “cansa” em demasia; mas, sem projetarem a perspectiva do que essa nova experiência pode representar, inclusive de maneira perturbadora, no caso do narrador.

De certa forma, a questão religiosa fomenta esse despreparo para a realidade, na medida em que impõe uma artificialidade ao mundo por meio do controle social. Os indivíduos passam a não enxergar a realidade como de fato ela é, pois não estão aptos a pensar fora daqueles limites pré-estabelecidos.

Isso significa que “o encontro” com um homem desconhecido, durante aquele dia de folga da escola, e o diálogo com ele estabelecido, embora pudesse ser uma situação plausível de acontecer não estava nos planos deles e eles não tinham, especialmente o narrador, a menor ideia de como lidar.

O conto expõe, portanto, a vulnerabilidade infantil para reagir a questões tão profundas; como um reflexo da própria sociedade em relação ao mundo além de suas fronteiras.

2. SOBRE *PRELUDES*, DE T. S. ELIOT.

Na resenha do livro *O mal-estar da Pós-Modernidade*²⁰², de Zygmunt Bauman, Coutinho (2001), faz a seguinte consideração:

não se trata, de modo algum, de uma tentativa de compreender a "essência" de uma ou outra condição (a moderna e a pós-moderna), descrevendo-as a partir de uma sequência cronológica de fatos, fases ou mudanças de caráter social, histórico, econômico ou cultural. Trata-se, ao invés disso, de enfatizar determinadas transformações nas formas de conduzirmos nossas vidas para colocar em questão algumas contingências dos espaços e tempos que nós habitamos - e que nos habitam - fazendo do nosso mundo o que hoje é e de nós mesmos o que hoje somos (COUTINHO, 2001).

As palavras de Coutinho (2001) trazem a compreensão de que o panorama sociocultural da Inglaterra no início do século XX é abalado pelo impacto de grandes e complexas transformações, tais como a visão materialista da história por Marx, a Teoria da Evolução de Darwin, as teorias sobre o papel do inconsciente propostas por Freud, e no campo da literatura o experimentalismo formal²¹³. A sensibilidade moderna está, portanto, em busca de ressignificar esse novo mundo que emerge.

São tempos de reflexão, de crítica, e no campo da poesia, ela passa a ser o significado, suas imagens dão o tom da complexidade que reside na falta de sentido da nova era, e não a experiência pessoal do poeta.

Assim, *Preludes*, poema escrito por T. S. Eliot, em 1920, se divide em quatro estrofes repletas de imagens urbanas – a sujeira, o lixo, a desesperança, a decadência e a mudança – como um espelho da Inglaterra do século XX.

T. S. Eliot trata da velocidade das informações que se perdem na dinâmica dos jornais descartados pelas ruas, enquanto chama a atenção do leitor sobre os perigos da alienação proveniente do automatismo cotidiano, que tomam de assalto às pessoas e a cidade, sem que elas se deem conta.

²⁰² COUTINHO, K. D. Resenha - O mal-estar da Pós-Modernidade, de Zygmunt Bauman. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.18, Set./Dez. 2001.

²¹³ **Experimentalismo** é a atitude de explorar novos conceitos e representações de mundo, rompendo com as convenções estabelecidas na tradição artística e literária. O experimentalismo foi uma importante característica da arte e da literatura do século XX, quando surgiram os movimentos de [vanguarda](#) ([futurismo](#), [cubismo](#), [dadaísmo](#), [expressionismo](#), [fauvismo](#), [surrealismo](#)). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Experimentalismo_\(arte\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Experimentalismo_(arte)).

A questão é se de fato essa alienação é voluntária ou não, na medida em que ela é incapaz de mascarar a infelicidade e o sofrimento; por isso, o poema clama pelo tempo de despertar, de olhar para si e para o mundo em redor.

Relembrando a citação de Jean-Jacques Rousseau, “Se a razão que faz o homem é o sentimento que o conduz”, T. S. Eliot apela à reflexão de que residem na alma a consciência e a moralidade humana; portanto, quaisquer transformações passam pela percepção da própria alma.

Enfim, este é um poema pequeno, mas pela força da sua temática e a objetividade de sua linguagem, ele se torna uma leitura atemporal e sempre oportuna nos atuais tempos da pós-modernidade. É como explica Coracini (2005),

[...] se alargarmos a concepção de leitura e a considerarmos uma possibilidade de perceber o espaço social, então ler passa a significar lançar um olhar à nossa volta e perceber o que nos rodeia. Isso pode ser feito apenas para confirmar nossos pontos de vista ou para problematizar, questionar o que, aparentemente, não pode ou não deve ser questionado... (CORACINI, 2005, p.39).

Preludes, então, permite a reflexão de que no distanciamento do *SER* em nome do *TER* se perde a relação com o próprio *eu* e se estabelece uma alienação diante de várias identidades que se alteram e se descartam no decorrer do tempo, intensificando ainda mais a infelicidade, o sofrimento e a construção da banalização do próprio cotidiano.

3. SOBRE *SHOOTING AN ELEPHANT* DE GEORGE ORWELL

George Orwell pseudônimo do escritor, jornalista e ensaísta político inglês, Eric Arthur Blair. Falecido aos 46 anos, em Londres, no ano de 1950, sua importância literária ficou marcada pela força de suas opiniões nas obras de cunho social; sobretudo, em relação aos principais movimentos políticos de seu tempo – imperialismo, fascismo e comunismo.

Sua obra se destaca pelos romances *Animal Farm* (1945) e *Nineteen Eighty-Four* (1949). No primeiro, ele desenvolve uma fábula para satirizar os regimes totalitários e demonstrar seu pessimismo em relação às possibilidades de êxito nas revoluções. Enquanto que, no segundo a previsão de futuro sombrio por meio de um Estado totalitário fiscalizador de tudo e de todos é o eixo condutor da obra.

Sobre *Shooting an Elephant*, publicado na revista literária *New Writing* em 1936, o ensaio relata a experiência de Orwell como policial na Birmânia (hoje conhecida como Myanmar), que ainda era uma colônia britânica na época. Insatisfeito com o trabalho que realizava no local, ele vivenciou a contradição de ser contra o imperialismo, mas ao mesmo tempo representá-lo naquela situação. Então, certo dia ele mata um elefante enfurecido, o qual

havia matado um nativo, apenas para não parecer um tolo; visto que, sua função não inspirava respeito aos colonizados e os fazia ridicularizar os europeus.

Pode-se dizer, então que se trata de uma Literatura pós-colonial, ou seja, aquela que veio com o império, para dissecar a relação colonial e, de alguma maneira, resistir às perspectivas colonialistas; portanto, ela mostra as marcas profundas da exclusão e da dicotomia cultural durante o domínio imperial, as transformações operadas pelo domínio cultural europeu e os conflitos delas decorrentes (BONNICI, 1998; SANTOS, 2010).

Como a língua transcende a um conjunto de signos e de regras, na medida em que é influenciada por aspectos da ordem do físico, do sociocultural e do psicológico, a cultura obrigatoriamente será modificada e enriquecida continuamente, ainda que a revelia de uns e outros. Isso significa que Língua, Identidade e Cultura estabelecem uma relação de interdependência tão forte, ao ponto de que esse processo de construção permite aos indivíduos estabelecerem um vasto conjunto de identificações; o que segundo Bauman (2005) pode ser explicado como:

o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis [...] as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17-18. Grifos do autor).

Portanto, segundo Hall (2000), no mundo moderno as culturas nacionais se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural; pois, sem um sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda. Desse modo, as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior de um sistema de representação. É isso que explica uma nação ter poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade. As culturas nacionais ao produzirem seus sentidos sobre “a nação” constroem identidades; portanto, as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas.

O social e o simbólico referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é um meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais (WOODWARD, 2000, p. 14).

É preciso, portanto, entender que todo o processo de desenvolvimento socioeconômico esteve atrelado a um movimento de imitação servil a “padrões colonizadores” que imperam sobre o mundo desde o século XV, de modo que os contatos entre as pessoas e suas culturas – suas ideias, valores, crenças e modos de vida – foram sendo subjugados e dicotomizados com

um rigor sem precedentes. Isso explica, por exemplo, a construção da segregação das minorias e a lamentável perpetuação da objetificação de determinados grupos sociais até os dias atuais.

Portanto, em síntese, essa leitura traz a reflexão contraditória do poder em Orwell, ou seja, superar o ressentimento pela força de seus valores pessoais que se opõem aos abusos que resultam do império britânico e de seu próprio papel naquele contexto, ou se deixar guiar por uma ética de ordem superior proposta pelo imperialismo.

4. SOBRE *THINGS* DE D.H. LAWRENCE

O que torna o dramaturgo, autor, poeta e jornalista David Herbert Lawrence (D. H. Lawrence) um dos mais influentes escritores do século XX foram a sua precisão linguística, domínio em relação a diferentes assuntos e gêneros, complexidade psicológica e exploração da sexualidade feminina.

Além disso, ferrenho opositor à Revolução Industrial, considerando-a uma força destrutiva do ser humano, ele se pautava na própria experiência como filho de um trabalhador das minas de carvão para defender suas ideias. Segundo ele próprio, seus escritos eram uma tentativa de desafiar e expor o que ele considerava as normas culturais constrictivas e opressivas da cultura ocidental moderna.

Ele publicou muitos romances e volumes de poesia durante sua vida, incluindo *Sons and Lovers* e *Women in Love*, mas é mais conhecido por *Lady Chatterley's Lover*, o qual foi publicado na Itália em 1928, mas foi proibido nos Estados Unidos até 1959, e na Inglaterra até 1960.

Isso porque *Lady Chatterley's Lover* explora em detalhes gráficos o relacionamento sexual entre uma dama aristocrática e um homem da classe trabalhadora; então, devido ao conteúdo gráfico era considerado obsceno. Diante da polêmica, tornou-se um ponto de inflexão na história da liberdade de expressão e na discussão aberta do sexo na cultura popular.

D. H. Lawrence faleceu aos 44 anos, em Vence (França), no ano de 1930.

A respeito do conto *Things*, D. H. Lawrence trata dos chamados Tempos Modernos, com o homem se constituindo sujeito livre, em busca da sua emancipação das amarras ideológicas e sociais, imerso em lutas a favor de sua autogestão, ainda sem uma diretriz exata do que isso significa e nem de como fazê-lo. Assim, esse sujeito precisa se prender a alguma coisa que lhe faça sentido verdadeiramente.

Yet it seems as if human beings must set their claws in SOMETHING. To be “free”, to be “living a full and beautiful life”, you must, alas! be attached to something. A “full and beautiful life” means a tight attachment to SOMETHING— at least, it is so for all idealists — or else a certain boredom supervenes; there is a certain waving of loose ends upon the air, like the waving, yearning tendrils of the vine that spread and rotate, seeking something to clutch, something up which to climb towards the necessary sun. Finding nothing, the vine can only trail, half-fulfilled, upon the ground. Such is freedom — a clutching of the right pole. And human beings are all vines. But especially the idealist. He is a vine, and he needs to clutch and climb. And he despises the man who is a mere POTATO, or turnip, or lump of wood (LAWRENCE, [1928], 2015).²²⁴

Há uma dose de idealismo nas personagens, na medida em que “eles sonhavam com um mundo perfeito, do qual toda a ganância, e quase toda a dor, e uma grande dose de tristeza, foram eliminados”. Mas, quando chega a Primeira Grande Guerra, eles percebem que “a ganância, a dor e a tristeza nunca seriam eliminadas, porque a maioria das pessoas não se importa em eliminá-las e nunca se importará”.

Isso significa que esse sujeito refletiu o crescimento da complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente; ou seja, dependia de outras referências. Uma concepção, portanto, interativa da sociedade. A modernidade não é apenas uma impiedosa quebra com alguma condição preexistente; mas, por um processo sem fim de rupturas internas e fragmentações dentro dela mesma e isso os decepcionou profundamente – “But they were disappointed, faintly but deeply disillusioned, and they both knew it. But the knowledge was tacit” (LAWRENCE, [1928], 2015).

Afinal, eles descobriram em suas andanças pela Europa que os

Europeans, with all their superficial charm, were not REALLY charming. They were materialistic, they had no real SOUL. They just did not understand the inner urge of the spirit, because the inner urge was dead in them; they were all survivals. There, that was the truth about Europeans: they were survivals, with no more getting ahead in them (LAWRENCE, [1928], 2015).²³⁵

²²⁴ Ainda assim, parece que os seres humanos devem colocar suas garras em ALGO. Para ser “livre”, estar “vivendo uma vida plena e bela”, você deve ai de mim! Estar ligado a alguma coisa. Uma “vida plena e bela” significa um forte apego a ALGUMA - pelo menos, é assim para todos os idealistas - ou então um certo tédio sobrevém; há um certo aceno de pontas soltas no ar, como os ramos ondulantes e ansiosos da videira que se espalham e giram, procurando algo para agarrar, algo que suba em direção ao sol necessário. Não encontrando nada, a videira só pode trilhar semipreenchida, no chão. Tal é a liberdade - uma garra do polo direito. E os seres humanos são todos videiras. Mas especialmente o idealista. Ele é uma videira e precisa se agarrar e subir. E ele despreza o homem que é uma mera batata, ou nabo ou pedaço de madeira. (tradução nossa)

²³⁵ Os europeus, com todo o seu charme superficial, não eram REALMENTE encantadores. Eles eram materialistas, não tinham alma real. Eles simplesmente não entendiam o impulso interior do espírito, porque o impulso interior estava morto neles; eles eram todos sobreviventes. Lá, essa era a verdade sobre os europeus: eles eram sobreviventes, sem ir além sobre eles. (tradução nossa)

Depois de descortinarem um cenário de incertezas ao ser humano, visto que tudo se transforma e se desfaz rapidamente, para preencher essa lacuna existencial o sujeito é impulsionado pelo desejo, pelo querer insaciável por novas realizações, experiências, valores, os quais dependem de estimulação contínua; o que acaba por se materializar no consumo.

Yes, unknown to themselves, the lives of the idealists had been running with a fierce swiftness horizontally, all the time. They had become tense, fierce hunters of “things” for their home. While their soul was climbing up to the sun of old European culture or old Indian thought, their passions were running horizontally, clutching at “things”. Of course, they did not buy the things for the things’ sakes, but for the sake of “beauty”. They looked upon their home as a place entirely furnished by loveliness, not by “things” at all. Valerie had some very lovely curtains at the windows of the long salotto, looking on the river: curtains of queer ancient material that looked like finely knitted silk, most beautifully faded down from vermilion and orange and gold and black, to a sheer soft glow (LAWRENCE, [1928], 2015).²⁴⁶

O consumo ultrapassou a satisfação das demandas sociais, de modo que o TER se tornou mais importante do que o SER. Dessa forma ele passa a determinar o estilo de vida, o comportamento, a identidade, o status social.

When people came, and were thrilled by the Melville interior, then Valerie and Erasmus felt they had not lived in vain: that they still were living. But in the long mornings, when Erasmus was desultorily working at Renaissance Florentine literature, and Valerie was attending to the apartment; and in the long hours after lunch; and in the long, usually very cold and oppressive evenings in the ancient palazzo: then the halo died from around the furniture, and the things became things, lumps of matter that just stood there or hung there, ad infinitum, and said nothing; and Valerie and Erasmus almost hated them. The glow of beauty, like every other glow, dies down unless it is fed. The idealists still dearly loved their things. But they had got them. And the sad fact is, things that glow vividly while you’re getting them go almost quite cold after a year or two. Unless, of course, people envy you them very much, and the museums are pining for them. And the Melvilles’ “things”, though very good, were not quite as good as that (LAWRENCE, [1928], 2015).²⁵⁷

²⁴⁶ Sim, desconhecido para eles mesmos, as vidas dos idealistas vinham correndo com uma rapidez feroz horizontalmente, o tempo todo. Eles se tornaram tensos e ferozes caçadores de “coisas” para sua casa. Enquanto a alma deles subia ao sol da velha cultura européia ou do antigo pensamento indiano, suas paixões corriam horizontalmente, agarrando-se a “coisas”. É claro, eles não compraram as coisas pelo bem das coisas, mas pelo bem da beleza. Eles olhavam para sua casa como um lugar totalmente mobiliado pela beleza, não por “coisas”. Valerie tinha algumas cortinas muito bonitas nas janelas do longo salão de recepção, olhando para o rio: cortinas de material antigo estranho parecido com seda finamente tricotada, mais lindamente desbotadas de vermelhão e laranja e dourado e preto, para um brilho suave e puro. (tradução nossa)

²⁵⁷ Quando as pessoas chegaram e ficaram entusiasmadas com o interior de Melville, Valerie e Erasmus sentiram que não tinham vivido em vão: que ainda estavam vivendo. Mas nas longas manhãs, quando Erasmus trabalhava desultoriamente na literatura renascentista florentina, e Valerie estava frequentando o apartamento; e nas longas horas depois do almoço; e nas noites longas, geralmente muito frias e opressivas, no antigo palazzo: então o halo morria ao redor dos móveis, e as coisas se transformavam em coisas, pedaços de matéria que apenas ficavam lá ou pendiam ali, *ad infinitum*, e não diziam nada; Valerie e Erasmus quase os odiaram. O brilho da beleza, como qualquer outro brilho, morre a menos que seja alimentado. Os idealistas ainda amavam muito suas coisas. Mas eles conseguiram. E o triste é que as coisas que brilham vividamente enquanto você as faz ficar quase completamente frias depois de um ano ou dois. A menos, é claro, as pessoas invejam muito vocês, e os museus estão ansiando por eles. E as “coisas” de Melvilles, embora muito boas, não eram tão boas quanto isso. (tradução nossa)

No fundo, Valerie e Erasmus não percebiam que o materialismo não estava em um determinado lugar, mas dentro deles; do mesmo modo não conseguiam perceber que seu projeto de liberdade estava totalmente preso ao material.

They were grimly hanging on. They did not like to give in. They did not like to own up that they were through. For twelve years, now, they had been “free” people, living a “full and beautiful life”. And America for twelve years had been their anathema, the Sodom and Gomorrah of industrial materialism (LAWRENCE, [1928], 2015).²⁶⁸

De volta à América, Valerie e Erasmus padeceram o choque de realidade com um mundo real tão diferente do seu idealismo, apesar de todas as tentativas de encontrar um lugar que acolhesse verdadeiramente o seu ideal.

That could be found, considering your father’s connections and Erasmus’s qualifications,” replied Valerie’s mother. “And you could get all your valuable things out of store, and have a really lovely home, which everybody in America would be proud to visit. As it is, your furniture is eating up your income, and you are living like rats in a hole, with nowhere to go to (LAWRENCE, [1928], 2015).²⁷⁹

Por fim, é como explica Hall (2000), no mundo moderno as culturas nacionais se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural; pois, sem um sentimento de identificação nacional o sujeito moderno experimentaria um profundo sentimento de perda. Desse modo, as identidades nacionais são formadas e transformadas no interior de um sistema de representação.

É isso que explica uma nação ter poder para gerar um sentimento de identidade e lealdade. As culturas nacionais ao produzirem seus sentidos sobre “a nação” constroem identidades; portanto, as diferenças entre as nações residem nas formas diferentes pelas quais elas são imaginadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade (SAINTE-BEUVE apud BADY, 1943, p.31).

Na verdade, não só os poetas conseguem esse feito; mas, os escritores de um modo geral. Como explica Cândido (2006), “algumas das tendências mais vivas da estética moderna

²⁶⁸ Eles estavam severamente apegados. Eles não gostavam de ceder. Eles não gostavam de admitir que passaram. Por doze anos, agora, eles eram pessoas “livres”, vivendo uma “vida plena e bela”. E a América por doze anos fora seu anátema, a Sodoma e Gomorra do materialismo industrial. (tradução nossa)

²⁷⁹ Isso pode ser encontrado, considerando as conexões do seu pai e as qualificações do Erasmus, ”respondeu a mãe de Valerie. “E você poderia tirar todas as suas valiosas coisas e ter uma casa realmente adorável, que todos na América estariam orgulhosos em visitar. Assim, seus móveis estão consumindo sua renda, e você está vivendo como ratos em um buraco, sem ter para onde ir. (tradução nossa)

estão empenhadas em estudar como a obra de arte plasma o meio, cria o seu público e as suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas” (p.27).

Assim, a arte em razão dos fatores do meio em que se insere tende a produzir um efeito prático sobre as pessoas capaz de não apenas modificar a sua conduta, a sua percepção do mundo; mas, também, reforçar o seu sentimento quanto aos valores sociais. De acordo com Júdice (2013),

O que passa a ser sintoma do moderno é a “actualidade” da obra – no sentido de pôr em acto o texto, libertando-o daquilo que caracterizava a obra de arte ligada à permanência, à conservação de valores estéticos, inscrevendo-a em pleno numa actualidade “purificada” de qualquer passado (JÚDICE, 2013, p.9-10).

É o que James Joyce, T. S. Elliot, George Orwell e D.H. Lawrence nesse pequeno recorte de suas obras literárias são capazes de traduzir. Na medida em que imersos no processo de modernização capitalista que ocorreu a partir da Revolução Industrial, na segunda metade do século XVIII, emerge da inconsciência a realidade do processo histórico em que o “moderno” cresce e se alimenta em função do “passado”.

As palavras desses autores escolhidas para esse ensaio apontam, então, para uma tomada de consciência que resulta em um novo modo de ler. Segundo Coracini (2005), isso significa que

Sem buscar respostas formalizadas nas teorias sobre a leitura, ler pode ser definido pelo olhar: perspectiva de quem olha, de quem lança um olhar sobre um objeto, sobre um texto, seja ele verbal ou não. Esse olhar pode ser direto, atravessado ou enviesado, conforme o leitor, o espectador, o observador, sua bagagem de vida, o contexto social no qual se insere: momento e espaço (lugar), suas expectativas, que alguns denominam projeto, intenção ou objetivo. Nem sempre ou quase nunca tais expectativas são conscientes (CORACINI, 2005, p.19).

De modo que se configura uma noção de reconhecimento do contexto social, a qual tende a naturalizar as desigualdades nos centros e na periferia do sistema. O fato da modernização se constituir baseada nessa desigualdade torna necessário que a percepção da igualdade seja parte da vida cotidiana e esteja efetivamente incorporada no conjunto da população. Isso, então, resulta em um modelo de conduta e comportamento que irá assegurar a adequação entre as ações do sujeito e a realidade objetiva da sociedade, tendo a literatura como ferramenta de incentivo e reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADY, R. Introduction à L'Étude de la Littérature Française, **Éditions de la Librairie de l'Université**, Friburgo, 1943, p.31.

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BIOGRAPHY. *George Orwell Biography*. Available in: <https://www.biography.com/people/george-orwell-9429833>.

_____. *D. H. Lawrence Biography*. Available in: <https://www.biography.com/people/dh-lawrence-17175776>.

BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v.19, n. 1, p.7-23, 1998.

BURGESS, A. *A Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática, 1996. 157p.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CORACINI, M. J. R. F. Concepções de Leitura na (Pós-) Modernidade. In: LIMA, R. C. de C. P. (Org.). *Leitura: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: Unifeob, 2005. p.15-44.

COUTINHO, K. D. Resenha - O mal-estar da pós-modernidade, de Zygmunt Bauman. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n.18, Set./Dez. 2001.

ELIOT, T. S. *Preludes*. Available in: <https://www.poetryfoundation.org/poems/44214/preludes-56d22338dc954>. Access in: May 16th, 2018.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

JOYCE, J. An Encounter. In: _____. *Dubliners*. New York: Dover Publications, Inc., 1991. p.14-24.

JÚDICE, N. A Modernidade em Questão. *Cadernos de Literatura Comparada*, Lisboa, n.28, p.7-16, jun. 2013.

LAWRENCE. D. H. [1928] *Things*. Adelaide: University of Adelaide, 2015. (Published by eBooks@Adelaide). Available in: <https://ebooks.adelaide.edu.au/l/lawrence/dh/things/>.

MEZAN, R. *Psicanálise, Judaísmo: Ressonâncias*. Campinas: Escuta, 1986. p. 21-23.

ORWELL, G. *Shooting an Elephant*. 1936. Available in: <https://hilo.hawaii.edu/~tbelt/Pols360-S08-Reading-ShootingAnElephant.pdf>.

REVUZ, C. A Língua Estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua (gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado das Letras / FAEP Unicamp / FAPESP, 2002.

SANTOS, E. P. dos. Pós-Colonialismo e Pós-Colonialidade. In: FIGUEIREDO, E. (Org.).

Conceitos de Literatura e Cultura. 2 ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora: EdUFJF, 2010. p.341-365.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença – A perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.